

D. Pedro II e a Astronomia

Regina MMC Dantas*

Ricardo Silva Kubrusly*

Rundsthen Vasques de Nader*

Resumo – A comunicação pretende refletir sobre alguns dos estudos que vem sendo realizados no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE da UFRJ, sobre d. Pedro II e sua relação com o desenvolvimento das ciências naturais no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Para isso, optou-se por unir as pesquisas de uma historiadora e de um astrônomo sob a orientação de um professor de História das Ciências, para dar relevo ao perfil estudioso do monarca e relacioná-lo às pesquisas de uma das áreas do conhecimento - a Astronomia. Assim, cartas, documentos de estudos, equipamentos e narrativas, articulados, irão compor o conjunto de fontes que auxiliam o fortalecimento do interesse do imperador pelos estudos astronômicos, utilizando a História e a Astronomia no viés multidisciplinar da História das Ciências.

Palavras-chave – D. Pedro II - Astronomia - História das Ciências.

Résumé– La communication prétend réfléchir sur quelques études qui sont en train d'être réalisées dans le Programme de Post-graduation en Histoire des Sciences et des Techniques et Epistémologie/HCTE d'UFRJ, sur le sujet de d. Pedro II et son rapport avec le développement des sciences naturelles au Brésil pendant la seconde moitié du XIX siècle. Pour cela, on a opté pour unir les recherches d'une historienne et d'un astronome sous l'orientation d'un professeur d'Histoire des Sciences, afin de donner relevance au profile studieux du monarque et le mettre en relation aux recherches d'un domaine de la connaissance - l'Astronomie. Ainsi, les lettres, les documents d'études, équipements et narrations, articles, iront composer le groupe de sources qui aident à l'affermissement de l'intérêt de l'empereur pour les études astronomiques, en utilisant l'Histoire et l'Astronomie à travers la multi discipline de l'Histoire des Sciences.

Le mot clef - D. Pedro II - Astronomie - Histoire des Sciences.

Introdução

O presente trabalho foi motivado a partir da discussão no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da UFRJ sobre o desenvolvimento das ciências no Brasil durante a segunda metade do século XIX, relacionando o imperador d. Pedro II às ciências naturais e antropológicas.

Visando compor este cenário, destacamos a figura de d. Pedro II (1825-1891) no período do segundo império brasileiro (1840-1889). O monarca revisitado na historiografia

* UFRJ - PPG História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Doutoranda do HCTE/UFRJ;

* UFRJ - PPG História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Professor do HCTE/UFRJ;

* UFRJ - PPG História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE. Doutorando do HCTE/UFRJ.

contemporânea tem seu nome associado ao desenvolvimento das ciências naturais e antropológicas, devido aos seus diferentes estudos identificados nos documentos existentes no Arquivo Histórico do Museu Imperial e associados aos objetos que figuraram no museu particular de d. Pedro II, que existiu no antigo Paço de São Cristóvão¹. O acervo de seu museu foi apropriado pelo atual Museu Nacional, após a transferência da instituição do Campo de Santana para o Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista em 1892, por consequência do banimento da família imperial do Brasil em 1889.

Nesse contexto, torna-se inevitável destacar o papel da primeira instituição científica brasileira – o Museu Nacional, criada por d. João VI, inicialmente com o nome de Museu Real em 1818, com o objetivo de “propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes do Reino do Brazil”².

Analisando a correspondência do Museu Nacional a partir de 1822, podemos constatar que foram acrescidos às atividades de pesquisa dos funcionários os trabalhos de identificação e estudos de diferentes materiais, solicitados pelo Governo Imperial. Foi possível identificar também que, a partir da segunda metade do século XIX, houve uma crescente solicitação de serviços, caracterizando constante interação entre os membros do governo e a direção do Museu. Diante das evidências, o Museu Nacional foi ocupando, paulatinamente, o lugar de órgão consultor do Império.

O Governo Imperial, no desempenho da exploração das riquezas naturais ainda desconhecidas,³ e posteriormente com d. Pedro II no constante incentivo aos estudos científicos⁴, muito fortaleceu o desenvolvimento das ciências no Brasil ao longo do século XIX. O Museu, com suas especialidades científicas – como a botânica, a zoologia, a geologia e também a etnografia – proporcionou a realização de estudos que contribuíram para o enriquecimento das ciências naturais que, na segunda metade do século XIX, eram saudadas como as responsáveis pelo progresso do país (LOPES, 1997:156-157).

Pontuando a questão, o monarca manteve ligação direta com o Museu Nacional, tendo apoiado iniciativas de intercâmbios (trocas de documentos, artefatos e demais objetos) entre instituições científicas de países da Europa e da América, em alguns casos, com seu empenho

¹ Antiga residência Real e Imperial, adquirida por d. João VI por ocasião da transferência da corte portuguesa para o Brasil. D. Pedro II nasceu e viveu no Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista até a ocasião de seu banimento do país, em 1889, que representou a queda do regime monárquico.

² Decreto de criação do Museu Real (atual Museu Nacional/UFRJ) - BR MN AO, pasta 1, doc 2, 6.06.1818.

³ Na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional existem alguns documentos que possibilitam identificar uma política de incentivo à exploração da riqueza natural do país, ainda no início do Império.

⁴ Grande incentivador das pesquisas científicas e das novas idéias que proporcionassem a “modernização” do país. Há uma vasta documentação sobre os estudos do imperador na Seção de Arquivo do Museu Imperial. Sobre seus interesses e incentivos, ver publicação do Arquivo Nacional (ARQUIVO NACIONAL, 1977).

pessoal. Assim, no caso de objetos, uma pequena fração do acervo recebido pelo Museu Nacional ficava com d. Pedro II, guardada no chamado *Museu do Imperador*, o seu espaço para as ciências naturais e antropológicas, constituído de quatro salas e localizado na parte térrea de sua residência - o Paço de São Cristóvão (atual Museu Nacional).

O Museu do Imperador foi iniciado com o gabinete de minerais e o herbário herdado de sua mãe, a imperatriz Leopoldina (1797-1826). O acervo de d. Pedro II foi aumentado com a compra de artefatos realizada pelo próprio, através de recebimento de presentes durante suas viagens realizadas dentro e fora do país, além da realização dos intercâmbios com instituições científicas. Alguns naturalistas estrangeiros tiveram o privilégio de participar de visita guiada pelo próprio imperador nas salas de seu museu com objetos selecionados e catalogados pelo próprio (SCHWARCZ e DANTAS, 2008).

Partindo do perfil de um governante envolvido com as discussões científicas do seu tempo, propomos contribuir com a divulgação do monarca especificamente envolvido com os seus estudos de astronomia, através da apresentação do local em que realizava suas observações, alguns dos objetos que figuraram neste local, e parte de seus apontamentos sobre o assunto.

1. O local das observações do imperador

Analisando o prédio do atual Museu Nacional e evidenciando os espaços do antigo Paço de São Cristóvão, identificamos os lugares dos estudos do monarca: o museu, a biblioteca, os gabinetes de estudos (literários, de física e de química) e o Observatório Astronômico do imperador (Figura 1).



Figura 1 – Fotografia do Paço de São Cristóvão nos primeiros anos da República. Em vermelho, o Observatório Astronômico de d. Pedro II.

O observatório⁵ representou um dos espaços de uso privativo de d. Pedro II e ficava localizado no terraço ao lado direito do palácio (DANTAS, 2007: 190-242). O local foi construído em 1862, pelo engenheiro Francisco Joaquim Bettencourt da Silva,⁶ e era constituído de um quarto com paredes envidraçadas contendo equipamentos necessários para a análise de corpos celestes e a realização de estudos do monarca na área de astronomia.

Nesse espaço translúcido, o monarca utilizava diversos equipamentos,⁷ dentre eles, os que necessitavam da luz solar. Um relógio de Sol (Figura 2), identificado com o auxílio do registro do Leilão do Paço Imperial (SANTOS, 1940: 157), equipamento supostamente do século XVII, é caracterizado por base de mármore espesso (3 cm) com mostrador gravado e o ponteiro (gnómon) de metal em forma triangular, sendo uma lateral recortada em curva.

Por várias décadas, o relógio de Sol fez parte do conjunto de objetos que ficava decorando o gabinete da direção do Museu Nacional (após 1950) sobre a mesa de reunião, e agora está guardado na Seção de Memória e Arquivo da instituição.

Outra peça de uso pessoal do imperador e que necessitava dos raios solares para funcionar é o canhão do meio-dia⁸, tendo exercido uma dupla função, tanto como relógio de Sol quanto como alarme no Observatório Astronômico do imperador (Figura 3).



Figura 2 – Relógio de Sol



Figura 3 – Canhão do meio-dia.

O canhão do meio-dia – quadrante solar que representava a pontualidade em Paris nos tempos de Luís XV – funcionava como alarme da seguinte maneira: exposto ao sol,

⁵ A descrição dos objetos que constituíam o Observatório Astronômico consta no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro: AN. CRI, Mm, doc. 80, cx.12, pc. 01 de 1845. SDE 027A.

⁶ O mesmo engenheiro que foi o responsável pelas obras de adaptação da ex-residência imperial após o banimento (1889), visando a preparar o espaço para abrigar a primeira Assembléia Constituinte Republicana em 1891. O engenheiro que servia ao monarca atuou na reforma de 1910 para alterar a ex-residência imperial.

⁷ Lista dos equipamentos do Observatório. AN Fundo Série Interior IJJ1 566 doc. 80 cx 12 pc 1.

⁸ Alguns objetos pessoais do monarca foram encontrados no cofre da Diretoria que estava trancado por longas décadas, devido à perda da chave. Por ocasião de sua reabertura, os objetos foram classificados após exaustiva pesquisa utilizando o relatório do Leilão do Paço (SANTOS, 1940) e os cadernos dos diários do monarca.

exatamente ao meio-dia, a pólvora era estourada pela ação dos raios solares concentrados pelas lentes, fazendo barulho semelhante ao estampido de um canhão.

O objeto é caracterizado por uma base de mármore de 22 cm de diâmetro e 3 cm de largura, com quadrante solar, no qual está montada a miniatura de um canhão com 16 cm de comprimento e dois apoios de metal que seguram uma lente giratória.

Além da utilização dos dois objetos no espaço dos estudos astronômicos, destacamos o que eles têm em comum: representam a marcação precisa do tempo necessária para os estudos astronômicos e a constante preocupação do monarca com a pontualidade.

Através das escritas do cotidiano do imperador em sua autoconstrução no caderno de diário de 1862, constatamos uma rotina caracterizada pela marcação de horários para seus estudos, como podemos observar no trecho a seguir:

Pretendo distribuir assim o tempo. Acordar às 6, e até às 7 grego ou hebraico... De meio-dia às 4 exceto 3^{as} e 5^{as} em que será até às 3, exame de negócios, ou estudo. Jantar, e às 5 ½ passeio. Das 9 às 11 escrita deste livro; depois dormir. Assisto as lições do Sapucaí⁹ de inglês e de alemão das minhas filhas. Nas 2^{as} lerei a elas Barros das 7 ½ às 8 da noite; 3^{as} Lusíadas, das 10 ½ às 11 da manhã; das 3 às 4 dar-lhes-ei lição de matemática, e latim com elas das 7 às 8 da noite; 4^{as}, latim com minhas filhas das 10 ½ às 11; 5^{as}, Lusíadas, das 10 ½ às 11; explicarei a minhas filhas a física de Gannot das 3 às 4, e latim com elas das 7 ½ às 8 da noite... A afluência de negócios ou visitas que não possam esperar é provável que transformem muitas vezes esta distribuição do tempo.¹⁰

O diário, ou “livro de assento”, era uma forma de apontamento comum entre os chefes de família no Brasil imperial, utilizado para fortalecer a memória e impedir o esquecimento de determinados acontecimentos (GOMES, 2004: 198).

Com isso, os diários nos auxiliam, nos apropriando da suposição de Bourdieu de que o relato autobiográfico “se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, (...) de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva (...)”. Torna o relator um “ideólogo de sua própria vida”, tendo que selecionar determinados acontecimentos significativos, em função de um contexto social amplo, “uma intenção global” (BOURDIEU, 1996: 184-185).

Após o banimento da família imperial, em 1890 o Paço de São Cristóvão passou por um rápido processo de venda dos pertences do imperador, no chamado *leilão do Paço* (SANTOS, 1940), realizado ao longo do ano de 1890. Além disso, o palácio sofreu fortes

⁹ Cândido José de Araújo Viana – visconde de Sapucaí, professor de d. Pedro II.

¹⁰ MI.CI. Diário de d. Pedro II – 5.1.1862.

alterações arquitetônicas na reforma de Pereira Passos, em 1910, ocasião em que as marcas da monarquia foram apagadas e o Observatório de d. Pedro II foi demolido.

Atualmente, poucas peças que pertenceram ao Observatório do monarca estão identificadas, entretanto, uma de suas lunetas pode ser vista na sala da exposição permanente do Museu Imperial, em Petrópolis (Figura 4).



Figura 4 – Luneta de d. Pedro II que figurou em seu Observatório Astronômico.

2. A Astronomia no Brasil e os estudos de d. Pedro II

D. Pedro II ainda ia completar 2 anos quando a instituição que tanto ajudaria estava sendo criada. Em 15 de outubro de 1827 foi inaugurado o Observatório Astronômico por resolução da Assembléia Geral Legislativa. Infelizmente, até 1845 não existem registros sobre o observatório, somente a partir de 1850, ano em que Soulier de Sauve assumiu as atividades do então Imperial Observatório do Rio de Janeiro (IORJ). Soulier foi um entusiástico batalhador do aparelhamento do IORJ para se desenvolverem as observações astronômicas sistemáticas, sendo inclusive ajudado por d. Pedro II, que cedeu alguns de seus instrumentos para o observatório (MORAIS, 1994: 129-131).

No início, o observatório dedicava-se quase que inteiramente a calibração de cronômetros, observações meteorológicas e cálculos astronômicos. Nos anos de 1858 e 1865 foram organizadas expedições científicas para observação de eclipses solares, dando início a fase de colaboração com cientistas franceses, os quais alguns vieram a dirigir a instituição. Caso de Emmanuel Liais, que observou um cometa no Brasil no início de 1858 usando equipamento fotográfico pela primeira vez e, em 1874, já como diretor do IORJ, importou moderno equipamento óptico, dando início a dois projetos importantes. O primeiro era o de estudar com maior precisão as órbitas de Mercúrio, Venus e Marte; e o segundo gerar um mapa cartográfico mais preciso do Brasil.

Sobre o interesse do monarca pela astronomia, destacamos as correspondências¹¹ trocadas pelos principais diretores da instituição, como, por exemplo, Emmanuel Lias (1826-1900), astrônomo francês e diretor do Observatório entre os anos 1870 e 1881, que muito impulsionou as atividades científicas no campo da astronomia brasileira.

Outro diretor que mantinha correspondência com o monarca foi o sucessor de Lias, Luís Cruls (1848-1908), que dirigiu as pesquisas no Observatório no período de 1881 a 1908, além de ter coordenado e orientado os trabalhos relevantes da época, como a passagem de Vênus pelo disco solar em 1882 (MORAIS, 1994: 139-144).

Em suas viagens ao exterior, fez questão de visitar alguns observatórios e manter-se interado com as pesquisas recentes sobre a constituição física do Sol, mecânica celeste e as recentes descobertas sobre o planeta Marte.

O Imperador também se correspondia com o astrônomo francês Camille Flammarion, de quem se tornou amigo. Em 1887, em sua segunda viagem ao exterior, visitou o observatório de Flammarion em Juvisy acompanhado de Luiz Cruls (então diretor do IORJ) e agraciou o cientista com a Comenda da Ordem da Rosa. Nessa ocasião, inaugurou-se a grande luneta de 25cm de diâmetro, com a observação de Vênus. Nesta reunião, Flammarion apresentou os resultados e progressos da astronomia, e anunciou, entre outras informações, que graças à iniciativa de D. Pedro II, o Observatório Imperial do Rio de Janeiro tornou-se o 5º colaborador na grande tarefa internacional de elaboração do levantamento fotográfico do céu, a *Carte du Ciel*, projeto que infelizmente não pode ser levado a cabo por Cruls por falta de instalações adequadas no IORJ, que à época situava-se no Morro do Castelo.

Embora fizesse visitas frequentes ao IORJ, onde tinha até um gabinete, d. Pedro II tinha seu observatório particular, localizado no pavilhão norte do palácio da Quinta da Boa Vista. Lá, passava horas observado o céu, consultando seus livros e fazendo anotações.

São algumas destas anotações, encontradas no Museu Imperial de Petrópolis, que comentaremos.

O Imperador se deteve em estudar e tentar compreender o Universo, os seus constituintes e como ele funcionava. Desenvolveu assim, estudos com anotações sobre eclipses, cometas, meteoritos, estrelas e vários comentários sobre outros assuntos astronômicos.

Dentre os seus apontamentos sobre o assunto, identificamos um desenho do imperador (Figura 5) contendo a órbita de um cometa e explicações dos pontos principais, seguido da

¹¹ As correspondências entre o monarca e alguns diretores da instituição encontram-se no Arquivo Histórico do Museu Imperial.

definição do objeto de estudos: “É um astro animado por um movimento próprio, que corre uma elipse de tal excentricidade que deixa de ser visível durante uma parte de sua revolução.”¹².

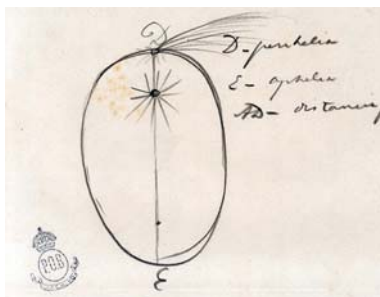


Figura 5 - Desenho esquemático da órbita de um cometa.

Um outro documento curioso é a sua descrição do eclipse lunar de 12 de junho de 1862, tendo anotado e desenhado detalhadamente cada etapa do eclipse, desde sua entrada na penumbra, em que escreve: “2h menos 13m começa a sombra”, e prossegue por toda a noite anotando, descrevendo, desenhando e anotando o horário de cada evento¹³. Na fase máxima do eclipse chega a anotar os segundos e descreve a aparência típica que a Lua tem nestas ocasiões: “2h 59m e 4s A parte mais escura tem cor de tijolo carregada, parece que oscila alguma coisa para cima a parte mais escura; ...”. Seu interesse pelo fenômeno foi grande, pois passou praticamente a noite toda em claro e sua última anotação foi às “4h e 5m” (Figura 6).



Figura 6 - Anotações sobre um eclipse lunar.

A Via Lactea também foi objeto de reflexões de d. Pedro II identificados em dois documentos.¹⁴ Nele começa definindo o objeto de estudo: “Esta larga zona, que abrange uma circunferência do céu, é um montão de estrelas muito apertadas, que se distinguem muito bem com o telescópio.” Em outro trecho cita o astrônomo inglês John Herschell, falando sobre as

¹² Documento do Museu Imperial/IBRAM/MinC - BR MI Doc. 1036 Cat. B D4.

¹³ Documento do Museu Imperial/IBRAM/MinC - BR MI Doc. 1036 Cat. B D3.

¹⁴ Documento do Museu Imperial/IBRAM/MinC - BR MI Doc. 1036 Cat. B D2 P1 e B D2 P2.

distâncias entre as estrelas e nosso planeta: “... se uma estrela de 7^a grandeza se apagasse, só depois de 21 anos se daria por isto, se uma de 16^a grandeza desaparecesse só depois de 1000 anos se saberia de seu desaparecimento.” Para os padrões modernos a linguagem não é muito científica, porém devemos tomar o cuidado de incorrer no erro do anacronismo. D. Pedro II não era um astrônomo profissional e mesmo entre os astrônomos profissionais as nomenclaturas e definições ainda não haviam sido padronizadas. Além disso, ele associa a grandeza (hoje chamamos magnitude) à distância da estrela, ou seja, quanto mais distante maior a grandeza (mais fraca). Sabemos hoje que esta relação não é considerada verdadeira.

Alguns questionamentos estão anotados em seus registros, como por exemplo¹⁵, uma pergunta que ele tenta responder: “Se a luz dos cometas é própria ou é refletida?”. E destacamos o seguinte questionamento: se “Há relação entre cometas e os meteoros luminosos”, chegando a separá-los em 5 classes: “1^a estrelas cadentes que são muito pequenas; 2^a as mais brilhantes com a grandeza aparente de Vênus; 3^a as muito grandes, por exemplo a de 1883; 4^a fazem [???]; 5^a meteoritos que aparecem com as estrelas cadentes de que se distinguem pela esteira de luz branca que deixam.”¹⁶

Embora haja alguns erros conceituais nas considerações, estes não são devidos ao pouco conhecimento de D. Pedro II sobre o assunto. Estes erros decorrem do que se achava à época de determinado evento ou objeto astronômico.

Encontramos o total de 29 documentos que formam os registros existentes sobre os estudos de d. Pedro II na área da Astronomia. Sua paixão por estes estudos, ciência entre todas sua preferida, foi talvez a melhor marca da incompreensão de sua época tendo sido registrado em caricaturas e críticas representando o seu amor às ciências como um homem “no mundo da lua” acompanhado de sua luneta.

Considerações parciais

Podemos considerar d. Pedro II como uma pessoa notável do século XIX, principalmente pelo apoio que deu à cultura e à ciência, tanto em idéias como em ações. Foi criado com uma educação esmerada e sempre atento as mais atuais descobertas da ciência e às novas teorias do pensamento de seu tempo.

Como governante, empenhou-se em dar destaque ao ensino e à cultura, além de ter mantido contato, com inúmeros pensadores, cientistas e artistas de várias nações, tendo também sido membro de várias instituições científicas. Apoiou específicas missões

¹⁵ Documento do Museu Imperial/IBRAM/MinC - BR MI Doc. 1036 Cat. B D5 P2.

¹⁶ Documento do Museu Imperial/IBRAM/MinC - BR MI Doc. 1036 Cat. B D7 P3.

científicas dentro e fora do país, assim como incentivou a saída de brasileiros para estudos e aperfeiçoamento na Europa.

D. Pedro II foi um pesquisador, na essência da palavra. Estava envolvido com novas idéias visando alargar seus horizontes e proporcionar o desenvolvimento do país. Tinha enorme necessidade de acompanhar acontecimentos científicos e associá-los, com uma visão inter e transdisciplinar, percebendo que a natureza não era feita de reinos diferentes e imiscíveis, mas que se interpenetravam uns sobre os outros. D. Pedro II tinha a noção do todo, do universo, e por isso a Astronomia tanto o fascinava: nela não havia limites para sua imaginação.

A união entre pesquisadores das áreas de História e Astronomia no viés da História das Ciências, articulando documentos e objetos, proporcionou análises que tanto comprovam o envolvimento do imperador com a Astronomia, quanto nos mostra qual era o conhecimento dos astrônomos sobre o Universo na segunda metade do século XIX. Estas conclusões são parciais, pois sugerem estudos comparativos entre o que se sabia sobre astronomia naquela época e o que sabemos hoje, o que nos daria um bom quadro evolucionário da astronomia do segundo império até nossos dias.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. *Dom Pedro II e a Cultura*. (Pesquisa e elaboração de Maria Walda de Aragão Araújo) Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977. (Publicações Históricas, 1ª. série, 82).

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DANTAS, Regina. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Rio de Janeiro: 2007. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de Si escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

MORAIS, Abraão de. A Astronomia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando (org.) *As ciências no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994, v. 1.

SANTOS, Francisco Marques. O leilão do Paço Imperial. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 1, p. 151-316, 1940.

SCHWARCZ, Lilia M.; DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP*, São Paulo: IEB, nº 46, p. 123-164, 2008.